

PONDERAÇÕES ELEMENTARES SOBRE AS FUNÇÕES E O ENSINO DE LITERATURA

ELEMENTARY WEIGHTINGS ON FUNCTIONS AND TEACHING OF LITERATURE

Francisco Cleiton Cardoso Batista¹

Resumo: Este trabalho discorre acerca das funções e do ensino da literatura. Isso com a finalidade de chamar a atenção para a importância de os professores também refletirem sobre as múltiplas formas de abordagem do texto literário em sala de aula, já que são também múltiplas as funções da literatura. Essas abordagens podem ser de caráter filosófico, sociológico, histórico; ético e moral, mas não deve haver detrimento para as abordagens linguística, gramática e filológica, já que sentido e forma indissociáveis num texto. Como suporte teórico, embasamo-nos – mais diretamente – em Coutinho (2015), Proença Filho (2012) e Moisés (2013). Diversos são os questionamentos acerca do tipo de abordagem que deve(ria) haver em sala de aula, quando o assunto é literatura. Pretendemos discutir os muitos ganhos presentes em cada tipo de abordagem.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Texto. Abordagens.

Abstract: This work discusses the functions and the teaching of literature. This was done with the aim of drawing attention to the importance of teachers also reflecting on the multiple ways of approaching the literary text in the classroom, since the functions of literature are also multiple. These approaches can be philosophical, sociological, historical; ethical and moral, but there should be no detriment to the

¹ Licenciado em Letras (2010) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorando pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: cleitonbatist@hotmail.com

linguistic, grammatical and philological approaches, since meaning and form are inseparable in a text. As theoretical support, we base ourselves – more directly – on Coutinho (2015), Proença Filho (2012) and Moisés (2013). There are several questions about the type of approach that should (should) be in the classroom when the subject is literature. We intend to discuss the many gains present in each type of approach.

Keywords: Literature. Teaching. Text. Approaches.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca do ensino da literatura têm estado cada vez mais presentes no âmbito universitário e na Educação Básica. Nos últimos anos, tem-se cogitado até mesmo retirá-la de grade curricular do Ensino Médio das escolas brasileiras. Em algumas partes do país, a literatura não é mais vista nem estudada como uma disciplina. Além dessas discussões sobre a importância ou não de se ter a literatura como uma disciplina em si (o que não é nosso foco neste trabalho), temos ainda as inúmeras discussões sobre como esta deveria ser abordada em sala de aula.

Por falta, talvez, de conhecimento acerca das múltiplas funções da literatura, muitos professores têm demonstrado visões e, conseqüentemente, abordagens reduzidas sobre as muitas possibilidades que os alunos (e eles professores também) podem ter ao acessar um texto literário. Assim, temos presenciado abordagens também reduzidas do texto literário em sala de aula, de modo que, muitas vezes, privilegiam-se certas abordagens em detrimento de outras. Desse modo, temos, por exemplo: 1 – abordagens estritamente gramaticais, usando o texto literário apenas como suporte para ensino de questões de gramática, seja ela descritiva ou prescritiva, prescindindo, muitas vezes, até mesmo de uma análise semântica²; 2 – abordagens estritamente históricas, transformando a aula de literatura em apenas uma aula de história (por sinal, uma aula duvidosa, porque apesar de versar,

2 Aqui há ainda a fragmentação de aspectos de análise linguística: é possível encontrarmos o texto literário sendo usando apenas em um tipo de análise, seja ela fonológica, morfológica, sintática ou semântica.

muitas vezes, sobre fatos históricos, a literatura não deixa de ser “mimesis”); 3 – abordagens estritamente filosóficas e/ou sociológicas, usando o texto literário como motivador para suas ações sociais, ou reflexões sobre autoestima, por exemplo.

Segundo Coutinho (2015, p.43), com o objetivo de resolver o conflito entre o estudo histórico e crítico da literatura nos currículos de humanidades, nos últimos anos, tem-se colocado o problema do ensino da literatura como objeto de intensa investigação e revisão, no que diz respeito ao método.

Não defendemos aqui que o professor de literatura consiga trabalhar todas as abordagens em apenas um texto ou em apenas um autor. Estamos defendendo, isso sim, que o professor de literatura compreenda o que é enfatizado em cada texto, cada autor, cada estilo de época, cada gênero, para, a partir disso, direcionar sua prática, levando em consideração as múltiplas possibilidades que esses itens podem proporcionar e a capacidade de interação do interlocutor. Isso quer dizer que ao pensar no ensino do texto literário, o professor deverá refletir uma série de fatores, como, objetivo que ele quer atingir com o texto literário, meios para se conseguir isso, nível de compreensão e interpretação do interlocutor, condições internas e externas, físicas e humanas.

DAS MUITAS POSSIBILIDADES DE SE TRABALHAR COM A LITERATURA

A obra literária oferece diversas oportunidades de análise e, conseqüentemente, de aprendizagem, ou seja, ela pode ser vista sob diversos aspectos, e cada um desses possibilita aprendizagens diferentes. Tal ampliação de possibilidades começa pelo próprio conceito do que venha ser literatura, de modo que, segundo Moisés (2012), não podemos falar em definição. Vejamos o que diz o autor:

Não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar a Literatura de modo convincente e conclusivo. Entretanto, por mais esforços que tenham sido feitos, o problema continua aberto, pelo simples fato de que, neste particular, somente podemos falar em conceito, nunca em definição³ (MOISÉS, 2012, p. 9, grifos do autor).

3 Para Moisés (2012, p.9), conceito é diferente de definição, de modo que esta pertence ao campo das ciências e corresponde ao enunciado das características universais e essenciais de um objeto,

O problema da conceituação de literatura esteve presente desde a Antiguidade Clássica, com Aristóteles e com Platão. Como podemos perceber, bastantes, porém insuficientes, foram as tentativas de se conceituar literatura. De qualquer modo, se não é consenso, é, pelo menos comum, olharmos o texto literário pela óptica da oposição de seus conceitos, ou seja, olhar o texto literário em oposição ao texto não literário. Assim, apesar das ressalvas, convencionou-se olhar o texto literário sob a óptica aristotélica – a qual concebe Literatura como imitação (“mimese”) – e sob a óptica do seu material de linguístico, o qual causa a multissignificação.

Acerca da relativização do conceito de Literatura e o apoio enfático em seu material linguístico, comenta Proença Filho (2012, p.33) que “Apesar da multiplicidade de posições, a maioria dos estudiosos, entretanto, aceita na atualidade, que os aspectos estéticos da obra literária podem ser alcançados através do texto e que eles têm uma base linguística (sintática, semântica ou estrutural).”.

Como percebemos, lidar com conceitos e com obras literárias é tarefa complexa. Como bem já acentuou Azorín (1954, p.7, apud PROENÇA FILHO, 2012, p.27), “El misterio de la obra literaria no será jamás por nadie enteramente esclarecido”. Talvez seja exatamente isto que os professores de literatura precisem entender: a infinitude de possibilidades de se trabalhar com o texto literário.

Proença Filho (2012, p.27) faz uma síntese interessante acerca do texto literário. Para ele, o texto literário é a “revelação de uma realidade, à luz de uma cultura, através de uma linguagem, consubstanciada, entre outros elementos, num estilo” (grifo do autor). Apesar das dificuldades de se conceituar literatura e da impossibilidade de se defini-la, pensamos que esse conceito pode ajudar muito a compreendermos suas funções, as quais são explicitadas aqui, também de acordo com o mesmo autor: “Coincidência espiritual entre os homens; Jogo, atividade lúdica; Ânsia de evasão; Profecia, vaticínio; Compromisso; Ânsia de imortalidade” (PROENÇA FILHO, 2012, p.38).

DAS FUNÇÕES DA LITERATURA

material ou imaterial; ao passo que aquele diz respeito ao caráter accidental ou particular de um objeto, e decorre de impressões mais ou menos subjetivas.

Acreditamos que ao passo que o professor e – por extensão – o aluno conhecem as funções da literatura, torna-se mais fácil o trabalho com tal material. Isso porque se o professor sabe o objetivo a que quer chegar com o aluno e já sabe qual material é mais adequado ao seu trabalho, terá muito mais facilidade para concretizar seu papel, no que diz respeito ao ensino da literatura. Assim, comentaremos algumas dessas funções e tentaremos enfatizar sua importância.

Da coincidência espiritual entre os homens

Se formos analisar as obras literárias, perceberemos que essas permanecem muito vivas e atualizadas na sociedade. Uma das causas para isso é a coincidência entre sentimentos e pensamentos entre homens de diferentes épocas e lugares. Tal fato proporciona à literatura um caráter atemporal e anespacial, fazendo dela um instrumento que permite ao leitor encontrar pensamentos de todas as épocas. A literatura, por essa óptica, é um meio para que aconteça um grande encontro entre os seres humanos. Sobre isso, vejamos o que diz Coutinho (2015, p.24).

A literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contado com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Tomemos por exemplo o famoso soneto do poeta português Luís de Camões.

Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
(CAMÕES, 1843, on-line)

Apesar de o texto ter sido escrito há cerca de meio milênio, sua temática, suas discussões, seus comentários sobre o amor e suas contradições permanecem vivíssimos na atualidade. Isso porque trata de um tema inerente ao ser humano em todas as épocas, culturas e lugares. Tal fato comprova a função de ligação entre pessoas de diferentes épocas e lugares exercida pela literatura. Neste caso, o texto literário pode ganhar outras dimensões, e as discussões em sala de aula podem abranger a temática presente no texto. Vale ressaltar, contudo, e sempre, a importância de se perceber as sutilezas linguísticas do texto.

Jogo, atividade lúdica (ou arte pela arte)

A literatura apresenta um trabalho todo especial com a linguagem. Isso faz dela uma forma de brincar, diversão, entretenimento, jogo, despertando no leitor emoções agradáveis, distração. Assim, a literatura é vista como forma de proporcionar o prazer estético. Aqui compreendemos mais claramente o que é um texto literário e o que é um texto não literário ou, pelo menos, fica mais perceptível sua distinção. Acerca disso, pensamos serem adequadas algumas considerações feitas pelo crítico Afrânio Coutinho.

A literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. [...] Às vezes ela pode servir de veículo de outros valores. Mas o seu valor e significado residem não neles, mas em outra parte, no seu aspecto estético-literário, que lhe é comunicado pelos elementos específicos, componentes de sua estrutura, e pela finalidade precisa de despertar no leitor o tipo especial de prazer, que é o sentimento estético. O que a literatura faz proporciona ao leitor, só ela o faz, e esse prazer não pode ser confundido com nenhum outro, informação, documentação, crítica (COUTINHO, 2015, p.23).

É importante entendermos bem a grande (mas não a única) finalidade da literatura para compreendermos bem as muitas possibilidades ao trabalharmos com o texto literário. Aqui é fundamental que tanto o professor quanto o aluno estejam atentos ao grande trabalho com o material linguístico no texto literário. Ressaltamos que esse material linguístico não anula as outras possibilidades e funcionalidades do texto literário. No entanto, pensamos que as outras funcionalidades do texto literário passam pelo trabalho específico e cuidadoso com a linguagem. Existem muitas obras literárias e não literárias das civilizações antigas (por exemplo, os escritos gregos), mas as obras literárias são indubitavelmente mais difundidas, e isso não acontece devido somente aos seus ensinamentos filosóficos.

Como forma de analisarmos melhor esse trabalho com a estética, vamos analisar um poema que apresenta essa função mais fortemente: o poema A Onda, do poeta Manuel Bandeira.

A onda

a onda anda
aonde anda
 a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
 aonde?
aonde?
a onda a onda

(BANDEIRA, 1963, on-line)

Nesse poema, poderíamos trazer para uma reflexão filosófico-sociológica (e muitos assim o fazem), dizendo que o eu-lírico estava falando de questões existenciais da vida do ser humano, que é cheia de fases ou recomeços, ou seja, como uma onda; ora se estar de uma forma ora se estar de outra, etc. Porém o trabalho com a linguagem, com o estético, com o lúdico, enfim com a função poética é o que mais atenção no texto. E, se o autor assim o fez, é porque ele realmente deve ter querido enfatizar o seu trabalho com a linguagem.

Para entendermos a essência de um poema como esse, é necessário percebermos as escolhas

sutis de cada palavra e(ou) fonemas feitas pelo autor. O autor brinca com as paronomásias: onda-anda-aonde-ainda. Dá quase para ouvir o som das ondas, por meio da “brincadeira” com os recursos sonoros feitos pelo autor. As palavras vão descrevendo uma sonoridade arredondada, que produz uma espécie de letargia, de embriaguez. Se lermos em voz alta, teremos a sensação de estarmos recitando um “mantra” ou uma espécie de ladainha. Se lermos o poema muitas vezes, poderemos cair num gostoso sono. Isso nos deixa quase deitados em uma praia, admirando esse vaivém das ondas. O autor utiliza-se ainda das interrogações para nos passar a sensação da quebra das ondas. Para ratificar essa sensação [da quebra ou do término das ondas], o autor usa a palavra ainda e anda, passando-nos a ideia de que daqui a pouco ela pode não mais andar.

Esse é só um exemplo de texto literário que evidencia em maior grau o trabalho com a estética, mas temos muitos outros exemplos desse tipo de texto. Vejamos o Poeminha do Contra, de Mario Quintana?

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!
(QUINTANA, 2012, p. 190)

Vejamos esse outro exemplo, agora do poema Gregório de Matos.

Ao Braço do Mesmo Menino Jesus Quando Apareceo

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,

Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

(MATOS, s/d, on-line)

Esse e tantos outros textos feitos para causar no leitor uma sensação agradável, que mexe diretamente com os sentidos provam que a linguagem literária é diferenciada da [linguagem] de qualquer outro texto, e as sutilezas linguísticas presentes nesse tipo de texto precisam ser trabalhada ao se estudar o texto literário. Isso porque, como já dissemos, esse tipo de linguagem é o caminho para compreendermos as outras funções da literatura.

Apesar de as outras funções também serem importantes, podemos entender o trabalho a linguagem literária como “a mãe das outras funções”, visto que é exatamente esse o ponto que mais diferencia o texto literário do texto não literário e é isto que faz os textos literários resistirem ao tempo. Nas palavras de Coutinho (2015, p.24):

Sua “circunstância” de tempo e meio é suplantada pelo valor literário. A literatura não é “documento”, mas “monumento”, na distinção de René Wellek. Com ela não se visa aprender, nem informar-se, nem documentar. E nenhum leitor a procura para realizar qualquer dessas atividades.

Isso deixa clara a importância de se olhar o texto literário como realmente é: texto literário. O que, como já dissemos, não impede de “passar” por outras áreas do conhecimento. O que estamos dizendo é que as outras áreas do conhecimento não têm fim último no texto literário, ou o texto literário não tem por fim último outras áreas do conhecimento.

Ânsia de evasão

A literatura também pode funcionar como um elemento de evasão do “eu”, permitindo-lhe a fuga à realidade concreta que o cerca. Ela funciona como uma espécie de realidade alternativa. Com uma necessidade de viagem imediata, tanto espacial como temporal, tanto o autor quanto o leitor se utilizam do texto literário para fazerem essa viagem e assim, em sua suprarrealidade, vivem aquilo que não têm oportunidade em sua realidade.

Observemos esses versos do poeta romântico Casimiro de Abreu.

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

(...)

(ABREU, s/d, on-line)

Ao analisarmos esses versos, percebemos que o poeta numa linguagem quase infantil, usando a mesma métrica das cantigas de roda infantis, um jogo rimas bem doce e uns versos melódicos consegue se transportar para sua infância e fazer com que o leitor faça o mesmo. Assim, a literatura cumpre seu papel de instrumento de viagem, que proporciona “fuga, evasão, escapismo, asilo, refúgio, catarse, compensação, alheamento, transposição da personalidade, êxtase, terapêutica etc.” (PROENÇA FILHO, 2012, P.35).

Profecia, vaticínio

Muitas vezes, é perceptível uma espécie de premonição em textos literários. É possível, por

um lado, que o autor tenha uma visão futurista (ou seja, uma sensibilidade para pensar no rumo em que as coisas estão tomando) e, por outro lado, que esse autor tenha certa contribuição para os acontecimentos futuros.

O que dizer, por exemplo, do Manifesto Futurista de Filippo Tommaso Marinetti, publicado em 20 de fevereiro de 1909, no jornal francês Le Figaro?

(...)

5. Nós queremos glorificar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.

(...)

8. Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipotente.

9. Queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo –, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher.

10. Queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda a natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda a vileza oportunista e utilitária.

11. Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor nocturno (sic) dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas lutas eléctricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as fábricas penduradas nas nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta.

(VICENTE, 2005, on-line)

A citação é extensa, mas precisa. Observemos que o autor prediz o futuro com uma precisão quase absoluta. Primeiro, lembremo-nos da tecnologia automobilística de que dispomos na atualidade, já exaltada naquela época pelo autor; segundo, observemos a época da publicação do manifesto

em que o autor exalta a guerra, e, precisamente cinco anos depois, começa a primeira grande Guerra Mundial; terceiro, façamos uma reflexão acerca do que está acontecendo na atualidade: sérias críticas a tradições e culturas do passado, coincidindo com o que o autor menciona em “destruir museus, bibliotecas”, além do desejo de não “olhar para trás”; além disso, vejamos a precisão com que ele descreve como deseja o futuro para a Itália e façamos uma relação com a atualidade. Pelo visto, “não é sem razão que ao poeta chamamos vate, cognato de “vaticínio”, predição” (PROENÇA FILHO, 2012, 36).

Compromisso

De todas as funções que atribuem à literatura, talvez aquela que a maioria das pessoas mais espera ou conhecem é função pragmática (ou social), também chamada pela crítica literária de Literatura Engajada. É a função ética, utilitária e prática porque é a do engajamento, da denúncia, da crítica. É a literatura compromisso, a arte como meio de conscientização. Ela tem como objetivo convencer, atrair adeptos, ensinar e esclarecer, difundir valores. Apesar de essa não ser a função primeira da obra literária, ao longo da história, ela foi, muitas vezes, usada com instrumento de discussão de problemáticas sociais. Segundo Moisés (2013), essa postura de uma arte que pudesse provocar certa mudança no ser humano já era defendida por Horácio, que contrariava a teoria aristotélica, a qual recusava admitir propósitos didáticos para o fenômeno estético.

De qualquer forma, são muitos os exemplos de artistas que usaram a literatura como forma de crítica de alguma situação que o incomodava. O que dizer dos clássicos autos de Gil Vicente, das duras sátiras de Gregório de Matos, dos poemas (líricos ou épicos) de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, da maioria das obras dos escritores realistas (no Brasil e no mundo), das obras dos escritores pré-modernistas no Brasil (Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha)? O que dizer de obras como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *O quinze*, de Rachel de Queiroz, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado? Enfim, no Brasil e no Mundo, são muitos os autores que se utilizam da literatura como forma de discutir os problemas sociais, mesmo porque, esses auto-

res estão insertos na sociedade, não seria tão fácil ficarem alheios às situações vigentes.

Apesar de a literatura engajada ser mais frequente na prosa, não são raros os casos em que acontece também na poesia. Como forma de ilustração, transcrevemos o poema O bicho, de Manuel Bandeira, um dos muitos poemas desse autor que fazem críticas sociais.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, 1947, on-line)

Por esta óptica, a literatura é usada como instrumento de debates históricos sociológicos, filosóficos e políticos.

Apesar de ser claro o fato de a literatura partir de uma realidade histórico-filosófico-sociológica, a maioria dos estudiosos da literatura critica um ensino do texto literário baseando-se nesse viés. Muitos estudiosos seguem a linha do pensamento de Aristóteles, que, como já dissemos acima, “recusava a admitir propósitos didáticos para o fenômeno estético” (MOISÉS, 2013). Esses estudiosos são os adeptos da chamada “Arte pela arte”, também chamado de “esteticismo”. O cuidado que se deve ter aqui é para não fazer a obra literária perder sua essência literária, partindo para discussões tão somente de cunho social e esquecendo literariedade da obra. Aqui cabe uma citação de Coutinho (2015, p.24):

É verdade que a literatura parte de fatos da vida ou os contém. Mas esses fa-

tos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através de uma língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência da realidade de onde proveio. Os fatos que lhes deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

Apesar de Afrânio Coutinho tomar uma posição bem definida sobre a sublimação da literatura e sua diferença de estudos históricos, filosóficos e sociais, há uma admissão de que a obra literária parte de real. Entendemos, assim, no que diz respeito ao ensino da literatura, que o que não se pode fazer é usar o texto literário como simples pretexto para se discutir assuntos de ordem social, distorcendo, muitas vezes, o real interesse do autor literário.

Acerca do cuidado de não fazer o texto literário perder sua essência de texto literário, comenta

Sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto. (CÂNDIDO, 1995, p. 250).

Ânsia de imortalidade

A literatura apresenta ainda uma função perenizadora, é a ânsia de imortalidade, é o desejo de sobreviver ao tempo, perenizar-se, eternizar-se. É o desejo de todo ser humano de extrapolar o limite espaço-temporal. A partir do material das artes em geral e, em especial da literatura, o artista busca imortalizar-se, busca ser reconhecido, lembrado. Sobre o poder que a literatura tem de fazer o homem ser lembrado, vejamos o que nos disse o poeta Álvares de Azevedo.

(...)
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,

À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.
(...)
(AZEVEDO, s/d, on-line)

O desejo de imortalidade é algo inerente ao ser humano, e a literatura é uma das formas de o homem ser lembrado, como percebemos nas palavras do poeta Álvares de Azevedo, que deseja ser lembrado como um poeta. Essa função está ligada à coincidência espiritual entre os homens.

DO ENSINO DO TEXTO LITERÁRIO

Como vimos, a literatura pode ter muitas funções, a depender do ângulo por que se olha. Sendo múltiplas as funções, também são múltiplas as formas de abordagem. Segundo Coutinho (2015, p.25), “dois tratamentos têm viciado fundamentalmente esse ensino: o histórico e o filológico”, ambos, segundo o autor, são reducionistas e, se abordados como o fim em si mesmos, são extraliterários. Percebemos que essas abordagens desviam as finalidades do ensino do texto literário.

Devemos saber, contudo, que essa visão do texto literário como instrumento pedagógico vem ainda de Platão e é retomada por Horácio. Conforme Coutinho (2015, p. 35) “Em Roma, com Horácio, e por influência da doutrina moral de Platão, para o qual a arte deverá ser um instrumento de ação extraliterária, a teoria poética subordinou-se à finalidade moral e didática, de formação do bom cidadão.”.

O ensino da literatura por esse viés, se feito sem equilíbrio com o próprio sentido da literatura, transforma a aula de literatura em uma aula de história, sociologia, geografia, filosofia e estudos biográficos. Afrânio Coutinho faz uma crítica muito forte a esse tipo de abordagem.

Esse o critério do estudo literário, que penetrou no ensino, deformando-o completamente. O ensino da Literatura, consoante esse critério, passou a reduzir-se ao estudo histórico das literaturas, isto é, ao conhecimento do meio social, político, histórico, econômico e da vida dos escritores, confundindo assim o fato histórico e o fato literário, que são as obras elas próprias. O aprendizado reduzia-se, em última análise, à memorização de nomes, títulos

e datas, ou a alguns pitorescos fatos biográficos. (COUTINHO, 2015, P. 25).

As abordagens do texto literário por esse viés pode, como já dissemos, transformar as aulas literatura em aulas de história, filosofia, sociologia, geografia e outras áreas tendo o texto literário apenas como pretexto para as discussões.

A outra abordagem do texto literário que, segundo Coutinho (2015), é também reducionista é a de orientação filológica, usando a literatura como suporte (ou pretexto) para estudo especificamente da linguagem. Dessa forma,

[...] Ensinada por professores, na sua maioria de português, de mentalidade predominante filológica a Literatura é tomada como subsídio ao estudo da língua, confundindo-se análise gramatical com análise literária, análise sintática com análise linguística. A literatura passa para segundo plano, pasto para análise filológico-gramatical. Se o estudo do vernáculo deve ser feito no texto literário, ou seja, a língua no ato, o estudo literário propriamente dito se exerce num plano acima do meramente verbal (COUTINHO, 2015, P.27).

Percebemos que a grande preocupação de Afrânio Coutinho é a redução do estudo do texto literário a estudo doutras área que não a literatura. Acerca dos tipos de abordagem do texto literário, defendemos aqui abordagens que agreguem, isto é, absorver do texto literário tudo aquilo que ele pode proporcionar. Obviamente, textos literários podem apresentar algumas funções mais presentes do que outras, a depender de alguns fatores, por exemplo, o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, apresenta uma veia mais social do que o [romance] *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Se o próprio texto resvala para esse tipo de função, deve esta ser enfatizada, ou seja, o próprio texto revela seu viés predominante.

Acerca das abordagens para o estudo do texto literário, Coutinho (2015, p.27-28) aconselha que o critério de abordagem da literatura seja Genológico-estilístico.

A abordagem genológica consiste em “colocar o educando em contato direto, desde o início, com texto literário, através dos gêneros” (COUTINHO, 2015, p. 27). Dessa forma, “[...] Em vez de ler sobre, substituindo-se a literatura pela história, o que constituía um escândalo para Mestre Lanson, o

estudante lê, a própria literatura nas obras representativas dos gêneros.”. (COUTINHO, 2015, p. 27).

Esse tipo de abordagem em que o leitor é colocado em contato direto com o texto literário vai ao encontro do que recomendam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, que fazem uma crítica ao estudo do texto literário apenas numa perspectiva metalinguística e tomada sem os devidos cuidados.

A prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo do texto (ainda que sua leitura não tenha ocorrido), aspectos da história literária, características de estilo, etc., deixando em segundo plano a leitura do texto literário, substituindo-o por simulacros, como já foi dito, ou simplesmente ignorando-o (BRASIL, 2006, p.70).

A outra abordagem é a estilística, que olha o fenômeno literário através dos gêneros, “que há que localizá-los no contexto estilístico em que aparecem”. Isso envolve noções de estilo individual e estilo de época. Por essa abordagem, segundo Coutinho (2015, p. 28), o ensino da literatura aparece em dois vieses: suporte para o ensino da leitura (“uma leitura expressiva, interpretativa, leitura dialogada”) e como caminho para a análise literária (decompondo as obras segundo gênero a que pertencem, na sua estrutura, nos seus elementos componentes e distintos com vistas à interpretação e julgamento).

No geral, Coutinho faz uma defesa à abordagem da literatura por gêneros (o método genológico), pois segundo ele, “Propondo uma combinação da leitura e da análise da obra, no seu gênero, o método genológico de ensino proporciona eficiente aprendizagem da literatura, com o desenvolvimento da aptidão apreciativa, do senso crítico, do gosto e do espírito criador.” (COUTINHO, 2015, p.45).

Percebemos que, na visão desse autor, o método do estudo por gêneros, apesar de muitos se colocarem contrários a essa abordagem, é o método que não excluiria as outras abordagens e funções da literatura, pois se apresenta como um método completo. Essa abordagem constitui, “além de seu interesse na interpretação e estudo da história literária, um método pedagógico.”. (COUTINHO, 2015, p.43).

Sobre olhar o texto pela óptica dos gêneros, ratificamos sua importância como o olhar de Rangel (2003).

Os escritores pressupõem que seus leitores conhecem os gêneros e jogam com esse conhecimento. Os mundos de ficção que nos propõem são moldados em formas que (re)conhecemos facilmente: personagens, situações, cenários, intrigas, modos de dizer, recursos, truques. Todo esse arsenal proporcionado pelos gêneros é utilizado para criar ou frustrar expectativas, para satisfazer e pacificar o leitor ou para surpreendê-lo e despertá-lo de velhos encantamentos, propondo-lhe outros. Por isso mesmo, a familiaridade com os gêneros permite ao leitor apreciar a habilidade de um escritor, seu gênio composicional, as características e o rendimento particular de seu estilo. Sem isso, dificilmente se produz um verdadeiro encontro entre autor e leitor; dificilmente se estabelece um convívio amoroso. (RANGEL, 2003, p. 141-142).

Aqui se encontra talvez a discussão mais importante da questão Ensino da literatura: o aluno precisa ter contado direto com o texto literário. Pensar o ensino da literatura é pensar usar o texto literário com instrumento da formação plana do educando. Sobre isso comenta Rouxel (2013, p. 21):

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra. Essa formação resulta da sinergia de três componentes, que são a atividade do aluno sujeito leitor no âmbito da classe constituída em “comunidade interpretativa” (Fish, 2007), a literatura ensinada – textos e obras – e a ação do professor, cujas escolhas didáticas e pedagógicas se revestem de uma importância maior.

Fica clara, portanto, a importância de o trabalho com a literatura ser feita de maneira bem pensada, planejada, para que se chegue aos resultados esperados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da literatura é assunto demasiadamente complexo, dada, também, a complexidade da própria literatura. Ao se trabalhar com o texto literário, o professor tem a múltiplas possibilidades

de abordagens, e em todas elas, há chances de desenvolver e/ou aprimorar no aluno competências e habilidades: seja de análise do texto literário com ênfase em seu material linguístico, seja de compreender o texto literário por meio do contexto histórico, seja discutir temas de relevância para o aluno e para a sociedade como um todo. O que se lembra, entretanto, é a necessidade de jamais esquecer que literatura é, acima de tudo, literatura.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. de. Meus oito anos. Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/casi.html#meus>>. Acesso em 12 dez 2017.

AZEVEDO, A. de. Lágrimas da vida. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/avz4.html>. Acesso em: 17 dez 2017.

BANDEIRA, M. A onda. (1963). Disponível em: <http://cmais.com.br/aloescola/literatura/poesias/manuelbandeira_aonda.htm>. Acesso em 12 dez 2017.

_____. Obicho. (1947) Disponível em: <<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>>. Acesso em 17 dez 2017.

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

CAMÕES, L. de. Amor é fogo que arde sem se ver. (1847). Disponível em: <<http://www.revistaprosoaversoarte.com/amor-e-fogo-que-arde-sem-se-ver-camoes/>>. Acesso em 17 dez 2017.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, A. Notas de teoria literária. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATOS, G. Ao Braço do Mesmo Menino Jesus Quando Apareceu. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/grego08.html>>. Acesso em 12 dez 2017.

MOISÉS, M. Dicionário de termos literários. 12 ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

_____. A criação literária. Ed. rev. E atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

PROENÇA FILHO, D. Estilos de época na literatura. 20.ed. São Paulo: Prumo, 2012.

QUINTANA, M. Poemas para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

RANGEL, E. O. Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: ‘Os amores difíceis’. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Org.) Literatura e letramento. Espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/ Ceale/ FaE/ UFMG, 2003.

VICENTE, L. Futurismo – “manifesto futurista. Disponível em: <<https://memoriavirtual.net/2005/02/21/futurismo-manifesto-futurista-2/>>. Acesso em 13 dez 2017.